ORACAM FVNEBRE

NAS EXEQVIAS ANNVAES do Sereniſſimo Rey de PORTVGAL

DOM MANOEL

de glorioſa memoria.

DISSE A NA S. CASA DA MISERICORDIA deſta Cidade de

LISBOA

O P.M.Fr. CHRISTOVAM DE ALMEYDA,
Religioſo dos Eremitas de S. Agoſtinho, Doutor na ſagrada
Theologia, Pregador de S.Mageſtade, Qualificador do Santo
Officio, Examinador das Ordens Militares, & Lente
de Prima de Theologia no Collegio de S. Antam
o Velho deſta Cidade de Lisboa.

LISBOA

Com todas as licenças neceſſarias.

Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello Impreſſor de
SUA ALTEZA: Anno 1665.

Non moriar ſed vivam, & narrabo opera Domini.
Ex Pſal. 117.

ODOS os dias amanhecem para o deſengano: he eſte Mundo que vemos hum livro da noſſa doutrina, donde as regras ſaõ as horas, & as folhas os ſucceſſos: cada hora que paſſa he hum deſengano da noſſa vaidade, cada ſucceſſo que acontece he hũ deſpertador da noſſa cegueira: não há inſtante, náo hâ caſo, que nos não eſteja gritando mudamente, que he a noſſa vida hum vento, que ſaõ as noſſas eſperanças hum engano.

n. 1.

Naſce o Sol Principe dos Aſtros, & morre no meſmo dia em que naſce; hum meſmo dia o vé menino no Oriente, o vé gigante no Zenit, & o vè morto no Occazo. Creſce a Lúa ſymbolo da ſoberba, mas de tal maneira creſce, q̃ aos meſmos olhos a q̃ ſervio no crecente de admiração, ſerve no minguante de láſtima. Abre a Roza rainha das flores, veſtida de galas, & defendida de eſpinhos, & o meſmo dia que a vé naſcida a vè ſepultada: da meſma Primavera dè q̃ corta as purpuras, corta tambẽ as mortalhas.

n. 2.

Eis ahi o q̃ he no mundo o mais excellente, eis ahi o q̃ he no mũdo o mais ſoberano. Nem valles, nem montes vivem no mundo ſeguros; porque ſe para os valles hà innundaçoẽs, para

os montes hà rayos. Que lhe importa aos mõtes subir tam alto, se a maior eminencia vẽ a ser o maior perigo? De q̃ lhe serve aos valles profundaremse tanto, se na sua profundidade encontrão com a sua ruina?

n. 3. Oh mõtes! ó valles da terra! o que importa he estar alerta, q̃ contra a tyrania da morte nem o subir, nem o decer importa. Isto nos està dizendo, isto nos està ensinando tudo o que apalpamos cõ as mãos, tudo o q̃ vemos com os olhos, neste livro grãde do mundo, se a nossa cegueira não cõvertéra em meyo da nossa perdição, o q̃ fez a providencia para motivo de nosso desengano. Esta he a lição de cada dia, mas no dia de hoje he ainda mais efficaz a lição, porq̃ he mais efficaz o prègador. Eu não sou hoje o que aqui prégo, quẽ hoje nos prêga aqui he essa pompa triste, & esse aparato funesto: E se este he hoje o prègador, efficaz prégador temos hoje.

n. 4. Para o prégador ser efficaz ha de ser authorizado, & hade ser eloquẽte: E q̃ cousa ha mais authorizada q̃ a magestade daquelle tumulo! Que cousa ha mais eloqũẽte q̃ as linguas daquelle fogo! Não hà tam grãde cõcerto na Retorica, como o cõcerto cõ q̃ esses panos nos falaõ: não há tam grãde efficacia de razoẽs, como a efficacia cõ q̃ essas luzes nos desenganão. Ouçamos logo ao nosso prégador, que em breves discur-

discursos nos ha de dizer as mais importantes verdades.

As palavras q̃ o nosso prégador hoje toma por thema saõ do melhor Rey de Israel, q̃ foi David, repetidas mudamẽte pello melhor Rey de Portugal, que foi o Serenissimo Rey D. Manoel, a cujas gloriosas memorias dedica esta S. Casa todos os annos neste dia o triste, & o piadoso desta acçaõ, & cõ grãde fundamẽto; porq̃ como entre todos os tẽplos, sendo tãtos, q̃ fundou a grandeza deste Princepe, foi esta S. Casa a mais favorecida, justo he q̃ seja tambẽ a mais saudosa. Quando o amor he fino, & a saudade verdadeira, nem o amor se acaba com o tẽpo, nem a saudade se diminue com os annos.

n. 5.

Muitos seculos depois q̃ a Raquel lhe morrẽraõ seus filhos disse Jeremias que se ouviraõ na terra as saudades de Raquel: *Ecce vox in excelso audita est lamentationis, & fletus Rachel plorans filios suos*. Pois ainda chora Raquel, depois de hũ curso de annos tam largos, depois de hum silencio de seculos tam compridos? Sim q̃ isto he amar, & sentir como Raquel: a dor que o tempo naõ remedêa; nam se diminue co tempo: correm as horas, mas paraõ as saudades: acabaõ os dias, mas nam acabaõ as mâgoas: passaõ os annos, mas ficaõ os sentimentos. Era a dor de Raquel grande, porque era o seu amor excessivo,

n. 6

Jerem. c. 31. n. 15.

ſivo, que muito logo que nem ſe cure cõ o curſo dos tempos, nẽ ſe emudeça cõ o ſilencio dos annos. *Ecce vox in excelſo audita eſt Rachel plorãs.* De todos os templos que fundou o noſſo Princepe Sereniſſimo, ſó a eſta Sãta Caſa pòde chamar a ſua Raquel, pois que depois de tãtos *ſeculos* paſſados ſe vém ainda hoje nella os olhos choroſos, & os ſentimentos tam vivos. *Rachel plorãs.*

n. 7.

Mas não gaſtemos o tempo no q̃ nos moſtra a experiencia, ouçamos o que nos diz o noſſo Rey, ou o q̃ nos diz por elle aquella Eſſa tam triſte como eloquente. Prometenos perſiſtencias na vida, & perpetuidades na duração, *Non moriar ſed vivam.* Breves palavras, mas difficultoſas. Como o mundo ſeja hũ theatro adonde cada hum de nòs ſae a repreſentar a ſua figura, q̃ aſſi o diſſe S. Paulo: *Præterit enim figura hujus mũdi*, acabada a repreſentação he força q̃ deixemos o theatro. Eſta he a condição com q̃ naſcemos, eſte o voto que profeſſamos: *Statutum eſt omnibus hominibus ſemel mori.* Ley he eſta gèral para todos os mortaes, mas ainda mais apertada para os Reys. He a noſſa vida hũ *cometa*, que não tem mais q̃ reſplandecer, & paſſar, mas nas mageſtades he ainda menos q̃ cometa, porque apenas reſplandece quãdo acaba. Antigamẽte lhe davão aos Reys hũa unção quando lhe pu nhão a coroa. Pois logo ungido quando Rey?

D. Paul. ad Cor. 1. c. 7. n. 31.

D. Paul. ad Hebr. c. 9. n. 27.

Logo

Logo,porq̃ taõ depressa parece q̃ caminha para a morte hum Rey, como caminha hum ungido: o throno he o mais breve caminho para o sepulchro. Pois se a vida dos Reys he ordinariamente tam breve, como nos diz o nosso Rey q̃ nem acabou,nẽ ha de acabar a sua vida? *Non moriar*. Como nos diz que está vivo quãdo nós o choramos morto? Oh q̃ proposição taõ verdadeira! Oh que verdade tam infallivel!

Os dias da nossa vida saõ hum engano da nossa imaginação: imaginamos que saõ nossos os dias em que cá vivemos; sendo q̃ só os dias em que cà vivemos não saõ nossos dias: nova Philosophia,mas certa;he tam certa esta Philosophia, he tam infallivel a verdade desta proposição, q̃ tem por si não menos q̃ a authoridade do mesmo Christo. Falou hũ hora Christo com os Judeos, & depois de largas contendas concluìo com estas escuras palavras: *Abraham Pater vester exultavit ut videret diem meum vidit, & gravisus est*. Vosso pay Abraham(diz o Senhor) alegrouse muito quãdo vio o meu dia. Se perguntarmos aos Expositores deste Evangelho, que dia era este de Christo com que se alegrou Abraham, respondem muitos, que era o dia da sua Cruz, que era o dia da sua morte.

Joan.c.8. n.47.

Ita Chrysost. Leoni. Theophilat. & alij.

Na verdade q̃ se as palavras sem exposição erão difficultosas, q̃ mais difficultosas parece q̃ ficaõ

n. 8.

n. 9.

ficão agora cõ a expoſição. Ao dia de ſua morte chama Chriſto dia ſeu? *Diem meum.* Se o Senhor chamára ſeu dia ao dia de ſeu Naſcimento, nam avia que duvidar, porque ſobre ſer o dia em que o Ceo obrou os maiores prodigios na terra, foi o dia em que Chriſto deu os primeiros paſſos na vida, mas que chame dia ſeu ao dia em que deixa o mũdo, que ao dia de ſua morte chame ſeu dia! Aſſi avia de ſer: na Philoſophia do mundo que mede a noſſa vida pello ſeu engano, sò ſaõ noſſos os dias em q̃ vivemos ao tempo: mas na Philoſophia de Chriſto que mede a noſſa vida pello ſeu conhecimento, sò os dias da noſſa morte em que começamos a viver a eternidade, ſaõ verdadeiramẽte os noſſos dias: *Diem meum.* Em quanto vivemos ao tẽpo, nem temos tempo, nem temos vida: tanto q̃ vivemos à eternidade, logo a vida he vida, logo o tempo he tempo.

n. 10

Deſta verdade tam certa ſe infere ainda outra conſequẽcia mais eſtranha; & he que no mũdo nẽ hà quẽ viva, nẽ hà quẽ dure. Quẽ tal diſſera! Naõ há quẽ viva, porq̃ a noſſa vida he hũ fingimẽto; não há quẽ dure, porq̃ o noſſo tẽpo he hũ engano; quẽ vive para morrer, naõ vive: quẽ dura para acabar, naõ dura: de tal maneira tira a mudança, às couſas a entidade, que não há couſa que tenha entidade ſe eſtà ſogeita à mudança.

dança. He neceſſario logo para a duraçaõ ſer duraçaõ,& para a vida ſer vida, q́ a vida viva á eternidade,&q́ a duração não reſpeite ao tẽpo.

n. 11.

Ouçamos aquelle Princepe q́ ſoube melhor deſtas materias, porque ſó elle nos pòde dar as melhores provas. Falou Job em duas occaſiões dos dias de ſua vida,& diſſe deſta maneira. Os meus dias não ſaõ nada: *Dies mei nihil ſunt*: os meus dias ſeraõ breves: *Dies mei breviabuntur*. Já vèm a implicação ſer breve,& não ſer nada, he implicação manifeſta, porque o que he breve tem ſer, o q́ he nada, não o tẽ. Pois ſe os dias de Job erão nada, como tinhão ſer? E ſe tinhão ſer, como erão nada? Se aviaõ de ſer breves, como não tinhão nenhũa entidade? Não tinhão nenhũa entidade, porq́ aviaõ de ſer breves: erão dias q́ aviaõ de acabar *breviabũtur*: pois erão dias que não tinhão ſer *nihil ſunt*. Aſſi lhe tirou a inconſtancia, a entidade, que na opinião de Job, não tinhão nenhũa entidade, porque os dominava a inconſtancia.

Job c. 7. n. 16. & c. 17. n. 1.

n. 12.

Nẽ o q́ hade acabar tẽ ſer, nẽ o que naõ hade durar tẽ duração, por iſſo a noſſa vida he hum fingimento, por iſſo os noſſos dias ſaõ hũ engano. Sabeis qual he verdadeiramente a noſſa vida? he aquella q́ ſuccede â noſſa morte: como ſó eſta vida tẽ eterna a duração, sò eſta vida tẽ verdadeira a entidade. Vio S. João Evangeliſta no

seu Apocalypsi hũ animal com dez põtas muito grandes: disselhe o Anjo que lhe explicava aquelles misterios, q́ aquellas dez pontas eram dez Reys que nam aviaõ ainda empunhado o sceptro: *Decem cornua quæ vidisti decem Reges sunt, qui Regnum nondum acceperunt.* Se lerdes ao Abbade Ruperto na Exposiçaõ deste lugar, achareis q́ eraõ estes os Reys Persianos, Romanos, Gregos, & Assirios q́ tinhão florecido té o tẽpo do Evangelista S. Joaõ: *Qui usque ad Ioannis tempora floruerunt.* Entra agora a difficuldade: se estes Reys tinham já florecido, como diz o Anjo q́ nam eraõ ainda chegados: *Qui Regnũ nondũ acceperunt?* E se nam eraõ ainda chegados, como diz Ruperto q́ tinhaõ já florecido? Hã maior implicaçaõ! Ser, & nam ser saõ contradiçoẽs: Como podiaõ logo ser, & nam ser estes dez Reys? Direi; aviam estes Reys sido para acabar? Pois naõ aviam sido para ser: a entidade que acabou naõ foi nunca entidade: a duraçam que deixou de ser, nam foi nũca duraçaõ: *Qui Regnũ nõ acceperũt.*

Apoc. c. 17. n. 15.

Rup. hic.

n. 13.

Assi he geral esta consequencia que nam parece q́ exceitua nẽ ainda a vida mais felice. A mais felice vida que houve no mundo foi a de Christo, & com isto ser assi só quando S. Lucas o vio resuscitado, lhe chamou propriamẽte vivo. Esse misterio tem aquelle texto dos Actos dos Apostolos: *Quibus præbuit se ipsum vivum post passi*

Actor. c. 1. n. 3.

paßionẽ ſuam. E antes q̃ morreſſe nam era vivo o Senhor? Vivo era, q̃ ſe o nam fora nam morrèra. Como logo lhe chama S. Lucas vivo sò depois de reſuſcitado? Eu me nam atrevéra a dar a repoſta ſe a nam achâra em hũ grande Expoſitor deſte lugar. Chriſto teve duas vidas, huma mortal q̃ ſuccedeo ao ſeu naſcimẽto (do tẽporal he q̃ falo) outra eterna que ſuccedeo â ſua morte: a vida q̃ ſuccedeo ao naſcimento, tiroulhe o ſer a brevidade: a vida q̃ ſuccedeo â morte, deulhe o ſer a duração. *Ante mortalis vita mors potius erat quam vita*, diz Lorino, era dantes a vida mortal? pois ainda que foſſe de Chriſto nam era vida: a vida que ſuccede à vida, he morte: a vida que ſuccede â noſſa morte, eſſa he ſómente a noſſa vida.

Lori. hic.

Eſta he a noſſa vida verdadeira: iſſo nos eſtam pregando as lingoas eloquentes daquelle fogo, iſſo nos eſtam perſuadindo as vozes mudas daquelle ſilencio. Gritando nos eſtam mudamente que he a noſſa vida hũa ſombra, q̃ ſam os noſſos dias hũ engano: *Nihil enim ſunt dies mei*, porquè tudo há de vir a parar naquelle nada: aquellas eſperanças q̃ vãmente nos arraſtram, aquellas vaidades que neciamente nos cegam, alli ham de quebrar as ſuas ondas, alli ham de achar os ſeus deſenganos: *Ibi confringes tumentes fluctus tuos*. Oh mũdo cégo! oh mũdo enganado!

Job c. 38. n. 11.

 De

De que serve a tua belleza, se hade vir a parar naquella fealdade? De que servẽ os teus gostos, se tẽ por fim aquelles horrores? De que servem as tuas pompas, se se hám de converter naquellas cinzas? Isto he o que hoje nos persuade debaixo daquella pompa triste, & daquelle apparato funesto, o nosso Serenissimo Princepe morto para o sentimento, mas vivo para a eternidade, & por isso sò agora se chama vivo quando nós o choramos morto: *Non moriar sed vivam.*

n. 15. Outro fundamẽto tẽ o nosso Princepe para nos prometer na sua duraçam perpetuidades: *Nõ moriar,* & he ser o Princepe que trouxe mais a morte na memoria. Assi consta da sua vida, & assi o testemunham as suas acçoẽs; tam registrado viveo sẽpre, como se nam fora Princepe soberano, senam hum Religioso mui reformado; andando ordinariamente aos sceptros avinculados os descuidos, assi viveo tam vigilante, assi andou tam lẽbrado daquella hora emque se lhe aviam de pedir contas, que a sua vida vinha a ser esta lẽbrança: daqui poderà ser que nascessem as tristezas tam continuas, & aquellas musicas tam continuadas com que procurava aliviar as suas tristezas. Pois Princepe que assi se lembrava de morrer, bem podia assegurarnos que nam avia nunca de acabar.

n. 16. Alli nam ha remedio para fugir â morte, & se póde

pòde aver algũ he sómente a sua memoria. Sẽdo a morte o maior inimigo da vida, em nenhuma cousa se acha melhor a perpetuidade da vida, q̃ na lembrança da morte: a causa do nascer disse Tertuliano he a fórma do acabar: *Forma moriẽdi causa nascendi est*. Profunda, mas verdadeira sẽtença, porq̃ nenhũa cousa nos cõserva melhor naquillo q̃ somos, que o cuidado do q̃ avemos de vir a ser. Não hâ meio mais efficaz para estẽder a duração, que acabar na memoria: he a nossa vida hũa flor, que tẽ a morte por fruito, mas cõ tal singularidade, que sendo ordinariamẽte todos os fruitos a destruição das suas flores, sò esta flor nam pòde durar sem o seu fruito.

Tertul.

Quãdo Deos criou a Adam immortal, a primeira cousa que fez para lhe cõservar a immortalidade, foi porlhe a morte na memoria: *In quacũq̃ die comederis ex eo morte morieris*. Muito foi que Deos quizesse unir áquelle estado tam venturoso, hũa lẽbrãça tam triste. Cria Deos a Adam no estado da immortalidade, & encomẽdalhe q̃ nam se esqueça da morte! Sim, diz S. Basilio de Seleucia: Encomẽdou Deos a Adam naquelle estado esta lembrança, *morte morieris*, porque sò esta lẽbrança podia conservar a Adam naquelle estado. Considerese Adam morto, & logo se cõservará immortal, porq̃ a officina da vida, he a memoria da morte. Quẽ se considera morto

n. 17.

Gen. c. 2. n. 17.

D. Basil. de Seleu. hic.

fazse eterno. O admiraçaõ! ô prodigio! Que sẽdo a morte o maior inimigo da vida, ache a vida a maior conservaçaõ na maior inimizade! Assi he, senam vede vòs o que fez o Demonio para fazer mortal a Adam: Deos para lhe conservar a immortalidade lẽbroulhe a morte, *Morte morieris*, & o Demonio felo esquecer da morte para lhe destruir a immortalidade: *Nequaquam moriemini*. Como se dissera astutamẽte o Demonio: Se na lẽbrança da morte consiste a perpetuidade da vida, eu lhe tirarei a Adam esta lẽbrança, & logo se lhe acabará a immortalidade: faloei perder a lẽbrança de morto, *Nequaquã moriemini*, & logo o porei no estado de mortal. Ainda mal porq̃ assi o discursou, & porq̃ assi succedeo.

Gen. c. 3. n. 4.

Aos sepulchros chamou S. Basilio centro da vida, & à morte porta da immortalidade: *Docuit mortales immortalitatis Ianuam esse mortẽ, & de sepulchro vitã erũpere*. Nam devia de falar S Basilio do que erão os sepulchros na sua realidade, senam do que erão os sepulchros na nossa consideração. Hũ sepulchro aberto he casa da morte, hũ sepulchro considerado he a officina da vida, *& de sepulchro vitã erũpere*. E a rezão he, porque quẽ considera na morte nam pecca: *Recordare novissima tua; & in æternũ non peccabis*, diz o Spiritu santo, quẽ nam pecca he justo, quẽ he justo ainda q̃ a morte o leve nam acaba, *Non moriar sed vivã*. Ver-

Basil. de Seleuc. orat. de morte.

Eccl. c. 7. n. 4.

Verdade he que aos juſtos, & aos peccadores
leva a morte, mas com eſta differẽça, ꝗ a morte
dos juſtos he vida, *Non moriar*; a dos peccadores
he morte; a morte dos juſtos he porto, a dos pec
cadores naufragio: a morte dos juſtos he ab-
ſolviçaõ, a dos peccadores caſtigo; a morte dos
juſtos he ſono, a dos peccadores deſvello. Dor-
mẽ os juſtos na morte, porꝗ té entaõ vigiàrão:
vigiaõ os peccadores, porꝗ tè entaõ dormìraõ:
os juſtos dormem para deſcançar, os peccado-
res deſpertaõ para padecer: a morte dos juſtos
he lemite de delterro, a dos peccadores he deſ-
terro ſem lemite: a morte dos juſtos he precio-
ſa a pouco cuſto, a dos peccadores he cuſtoſa
ſem nenhũ preço: he a morte dos juſtos precio
ſa a pouco cuſto, porꝗ cuſta pouco, & val mui-
to: he a morte dos peccadores cuſtoſa ſem ne-
nhũ preço, porꝗ cuſta muito, & nam val nada.
A morte dos juſtos he ſegurança, a dos pecca-
dores ruina: a morte dos juſtos he victoria, a
dos peccadores batalha: a morte dos juſtos he
triaga, a dos peccadores veneno: a morte dos
juſtos he o naſcimento da vida, a dos peccado-
res he o principio da morte: finalmente a mor-
te dos peccadores he pena de culpa, a dos juſ-
tos nem he culpa, nem he pena; nam he culpa
porꝗ nam deſmerecem, nam he pena porꝗ deſ-
cançaõ. E ſe aos juſtos lhe traz a morte todas
eſtas,

eſtas felicidades, nam he morte a morte dos juſtos: *Non moriar ſed vivam*, ſerá morte na apparēcia, mas he vida na realidade: tudo diſſe o Spiritu-Sancto: *Iuſtorum animæ in manu Dei ſunt, & nõ tanget illos tromentum mortis viſi ſunt oculis inſipientium mori illi autem ſunt in pace.* Imagina o mundo, que os juſtos morrem (diz o Spiritu-Sãcto) & he hũ engano do mundo, porq̃ ainda que os veja cortados da morte, he eſſe golpe mézinha, he eſſa pena refrigerio, & eſſe tormento deſcanço: *Viſi ſunt oculis inſipientium mori, illi autem ſunt in pace.*

Sap. c. 3. n. 1.

n. 19.

Não acaba na morte a vida dos juſtos, porq̃ os juſtos na vida ſe não eſquecéram da morte. Eis ahi o intereſſe que nos trazē eſtas lembranças, & eis ahi a rezaõ que tem o noſſo ſoberano Princepe para nos dizer q̃ não acabâra quando morréra: *Non moriar ſed vivã.* O dia da noſſa morte na realidade ha de ſer sò hũ, mas na repreſentaçaõ pòdẽ ſer todos, quãtos ſaõ os dias da noſſa vida. Oh ſe aſſi fora! Mas ainda mal porq̃ nẽ ainda â viſta daquelles deſenganos nos paſſará pella imaginaçáo eſte dia, porém ſe algũ hora merecerâ grãde caſtigo o noſſo deſcuido, ſe algum hora naõ terâ nenhũa deſculpa a noſſa cegueira ſerà sò hoje. Hoje que vemos ter juriſdição a tyrania da morte no melhor Rey, & na melhor vida; quem nam abrir os olhos para o deſengano, que deſculpa pòde ter?

Tres Rag mas adelante

mento de David: *Uxorem meam Michol*. Donde se segue com evidencia que para ser nosso qualquer bem importa pouco que o roube a desgraça se o assegura o merecimento. Passa isto assi em todos os bens da vida, & se a vida entre todos he o mayor bem, porque se nam entendem tambem da vida a verdade desta proposição? A quantos, a quantos poderam dizer o nosso Rey glorioso, & tantos Varoens insignes da sua vida, o que disse David ao Princepe Isboset da sua esposa: *Da mihi uxorem meam: da mihi vitam meam*: dai câ essa vida, que ainda que he vossa por posse, he minha por merecimento: dai câ essa vida que malograis, & deixaya ter a quem a merece. Roube logo embora a morte o nosso Rey aos nossos olhos, que o q̃ lhe rouba a morte lhe dà o merecimento: merecia viver a todo hũ mũdo, & por hũa eternidade, & por isso nos assegura q̃ he sua a vida quãdo lhe choramos a morte: *Nõ moriar sed vivã*.

n. 20

Vedes ao nosso Rey invicto dominar os mâres, & senhorear o mũdo, pois passai da guerra para a paz, & em ambas o vereis sempre grãde, sempre insigne. Que terra hà no nosso Reyno, que nam chore ainda hoje suas memorias, em agradecimento de seus beneficios. Ponde os olhos por todo Portugal, & apenas achareis Cidade, ou Villa donde nam ouçais os eccos

n. 21.

de ſua grandeza. Os Hoſpitaes mais opulentos, & os templos mais inſignes, obras foraõ da ſua maõ liberaliſſima para os Vaſſallos, & muito mais para o Senhor, mais de cincoenta ſaõ as Igrejas que de novo edificou para Deos ſer nellas louvado, & engrandecido. Digao (deixando outras muitas que nam conto) em Thomar o Magnifico templo da Ordem de Chriſto; neſta Cidade o de Belem, obras verdadeiramente admiraveis pella fabrica, & inſignes pella grandeza. Digao, que melhor que todas o póde dizer eſta Santa Caſa que fundou, & enriqueceo com tanta liberalidade, como teſtemunhaõ as acçoẽs de cada dia: os dotes cõ que aſſiſte âs orfaâs: o diſpendio com que cura os enfermos, enterra os mortos, defende os innocentes, & remedea os neceſſitados.

n. 22. Pois hũ Rey q̃ aſſi vive pellas obras, como ſe ha de dizer, q̃ na morte acabou a vida, he parece a razão, q̃ teve David para dizer, q̃ nam avia de acabar: *Nõ moriar ſed vivã, & narrabo opera Dñi*; eu naõ ei de acabar nũca, diz David, porq̃ ainda q̃ falte â vida, ei de viver pellas obras q̃ fiz ao Senhor. Eſtas obras de q̃ aqui falla David, alem de outras que foraõ muitas, & grandes, ſaõ os ſerviços que fez a Deos ſendo Rey na preparação do ſeu templo, & na deſtruiçaõ de ſeus inimigos; chamalhe obras do Senhor, porq̃ foraõ

forão feitas em virtude do seu braço, & consagradas á grandeza de seu nome. Pois essa he a razaõ que tem David para se prometer na vida perpetuidades? Essa he a razão, hum Rey que para Deos prepara hum templo, & destroe os inimigos de Deos, ainda que a morte o roube não o acaba. Pois se a destruiçaõ dos inimigos de Deos, & a preparação de hum sò templo perpetuaõ a vida a El-Rey David, porque não perpetuarám ao nosso Serenissimo Rey D. Manoel a vida tãtos inimigos de Deos destruidos, & para Deos tantos templos fabricados.

Assi he Rey Serenissimo, & Princepe glorioso, nam se pòde dizer de vós que morrestes, nem que acabastes: nam morrestes, porque passastes para melhor Reyno, & para mayor descanço: nam morrestes, porque nas lembranças da morte segurastes as perpetuidades da vida: naõ morrestes, porque ainda que faltais aos nossos olhos, viveis nas nossas lembranças, & vivireis eternamente nas saudades desta Santa Casa: nam morrestes, porque dilatastes a vida na posteridade gloriosa dos descẽdentes illustres com que o melhor do mundo se governa ainda hoje de presente, & se ha de governar pellos seculos futuros: nam morrestes, porque ainda q̃ vos roubou a morte estais vivo nas façanhas q̃ estão escritas, no livro grande de hum mundo

n. 23.

 intei-

inteiro. *Non moriar sed vivam, & narrabo opera Domini*. Nam morrestes finalmente, porque ainda hoje debaixo desse tumulo nos estais ensinãdo o como avemos de viver, se não quizermos nunca acabar.

n. 24. Caducos Soes, mentidas grandezas, soberanias humanas ouvi o vosso Princepe, ouvio q̃ entre aquellas tristes sombras està clamando pellas vossas melhoras. Acabai de desenganarvos, & aprẽdei dos rayos daquelle Sol amortecido, q̃ mais cedo, ou mais tarde, aquelle ha de ser o vosso termo, aquelle o vosso occazo. Vede o q̃ farà a morte em vós senão perdoou âquelle Rey Serenissimo, cuja vida merecia eternizada no mundo como o està na memoria. Os mortos morrem para si, para o mundo, & para nòs; morrem para si, porque acabaõ; morrem para o mundo, porque o deixão; morrem para nòs, porq̃ nos ensinão. Oh aprendamos, aprendamos desta lição o que mais nos importa, já que nos nam movem as persuaçoẽs, movaõnos as evidencias.

n. 25. Poderosos, Grãdes, Monarchas, que fazeis? Que vos engana? Se o valor, aly tendes o Rey mais valeroso. Se a sabiduria, aly tendes o Rey mais sábio. Se as riquezas, aly tendes o Rey mais opulento. Se o amor, aly tẽdes o Rey mais amado. Se a discrição, aly tendes o Rey mais dis-

diſcreto. Tudo deſapareceo em hum inſtante, tudo cortou a morte de hum golpe! duro golpe, que por tudo corta, cruel verdugo, que a nada perdoa! He a juſtiça da morte a mais igual, mas tambem he a mais deshumana: he a mais igual, porque a todos leva; he a mais deshumana, porque nada deixa: ainda a juſtiça da morte parece mais riguroſa que a juſtiça de Deos. Quando Deos mandou cortar aquella arvore que ſignificava o Imperio de Nabuco, advertio o Anjo que da parte de Deos a mãdou cortar, que aſſi ſe cortaſſem as ramas, que ſe perdoaſſe às raizes: *Succidite arborẽ, & præcidite ramos ejus, veruntamen germen radicum ejus in terra ſinite.* Eſta he a juſtiça de Deos, perdoa ás raizes, quãdo corta as ramas; mas a juſtiça da morte a nada perdoa, porque tudo corta. Na arvore de noſſa vida não tem privilegio contra a morte, nem a fortaleza do trõco, nem a fermoſura dos ramos, nem a profundidade das raizes.

Dan. c.4. n.11.

Eſta verdade eſcreve o tempo no pó da terra, de que todos ſomos compoſtos. Aly eſcreve tambem indeſpenſavelmente que os Grandes, & os pequenos não daõ paſſo, que os não leve a ſer o que os eſpãta, & a abraçar o que deſprezão. Na eſtatua de Nabuco erão os metaes differentes para a compoſição, mas não o forão para a ruina: veyo a pedra da morte, & derrubou

n. 26

bou o ouro, & mais o barro com taõ pouco respeito, que avendo dantes tanta differença nas entidades, naõ houve depois nenhũa differẽça nas cinzas: o ouro, & mais o barro, que unidos erão taõ desiguaes, forão o mesmo desfeitos. Se não crerdes esta verdade, abrime esses sepulchros q̃ levantou a vaidade fabricados do porfido, sobre os hombros de leoens rompentes, authorizados com epitaphios magnificos, & dizeime em que se differençaõ as cinzas do ouro que nelles se sepultou, das cinzas do barro, que se enterrou no âdro sem campa, & sem letreiro. Pois se estes somos todos, que nos cega? que nos engana? ó abramos os olhos para ver estas verdades, & para abraçar estes desenganos: acabemos de nos resolver, que saõ as nossas grandezas hũa sombra, que saõ as nossas vaidades hũa mentira, & que a nossa vida verdadeira, naõ he aquella com que vivemos ao tempo, senam aquella com que avemos de viver com Christo â eternidade, como em premio de merecimentos tam illustres, vive, & vivirâ o nosso Princepe glorioso: *Non moriar, sed vivam.*

LAUS DEO.

Virgini Matri, ac Magno P. Augustino.

n.27.

Nenhũa desculpa tẽ a incredulidade, quãdo tẽ contra si a experiẽcia: he a queixa q̃ Christo tinha dos Judeos: *Si veritatẽ dico vobis quare nõ creditis mihi?* dizia o Senhor aos Principaes de Jerusalẽ. Homẽs, se vedes cõ vossos olhos o q̃ vos persuadem as minhas razoẽs, se as minhas verdades estão provadas cõ tãtas maravilhas, porq̃ não credes as minhas verdades? *Quare non creditis mihi?* isto dizia Christo aos Judeos, & isto nos dizem hoje aquellas cinzas. Mortaes! Se nestas cinzas se haõ de converter as vossas grandezas, se nestes desenganos haõde vir a parar as vossas esperãças, se a estes horrores haõ de ter por fim os vossos gostos, q̃ vẽ a ser os vossos gostos mais q̃ hũa mẽtira, q̃ vẽ a ser as vossas esperãças mais que hũa sombra, que vem a ser as vossas grãdezas mais que hũ engano. Estes desenganos nos daõ, estas verdades nos dizẽ as mudas vozes daquelle prégador que alli vedes, & não sei se cõ a mesma queixa de Christo: *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi?* Assi somos incredulos, como se nam foramos mortaes, assi andamos descuidados, como se ouvessemos de ser eternos; imaginamos que nam ha de chegar nũca aquella hora que póde ser ámenhaã, grande cegueira! *Tu autem non putabas* (dizia Seneca) *te aliquando non esse perventurum ad id, ad quod semper ibas?* Vinde cà cégos, imaginais q̃ nam hade chegar algũ hora,

Joan. c. 8. n. 47.

Senec. de brevitate vita.

aquelle

aquelle termo para donde caminhais cada dia: *Ad id, ad quod semper ibas?* Oh vivamos muito desta consideraçaõ, se queremos fugir a nossa ruina, grande desgraça será acharnos a morte antes que nós a busquemos; porq́ só quem na vida morre cõ a memoria da morte, encõtra na morte com a verdade da vida. Melhor he o dia da morte, que o dia do nascimento, diz o Ecclesiastico: *Melior est dies mortis, die nativitatis.* E se a natureza andou tam escaça cõnosco, que dãdonos tantos dias para viver, nos deu hũ sò para acabar, na nossa maõ està o emendarmos a natureza, fazendo com a consideração, como o fazia o nosso soberano Princepe, dias da nossa morte todos os dias da nossa vida, porque sò assi os faremos nossos dias, seràm nossos porque seràm dias da eternidadade, serâm nossos porq́ serâm dias de vida: *Non moriar sed vivam.*

Ecclef. c. 7. n. 10.

n. 28

Tem o nosso Serenissimo Rey D. Manoel para nam acabar cõ a morte dado duas razoens pella sua parte: elle nos dará licença para nós darmos agora hũa pella nossa. *Non moriar:* Nam ei de morrer. E isso porq́ Princepe soberano? Porque ainda que eu acabe â minha vida, nam ei de acabar â vossa lẽbrança. Terâ a morte jurisdição para me fazer acabar, mas nam terâ jurisdição para me fazer esquecer, & em quanto eu nam sou esquecido não sou morto. Oh como vos

vos enganais, como vos enganais aquelles que tratais sò de viver ao tempo; porq̃ nam terá a morte poder para ſepultar a voſſa vida, ſe o naõ tiver para ſepultar a voſſa memoria. Quis Iſaias chorar a morte de hũ juſto, & diſſe aſſi: *Perit justus, & non eſt qui recogitet*, acaba o juſto, & nam hâ quem ſe lẽbre. Notavel queixa! E para que nos avemos nòs de lẽbrar do juſto q̃ acabou? ſe o que morreo fora peccador, bem era que nos lembraſſemos delle para o aliviarmos cõ nóſſos ſuffragios, para o ſocorrermos com nóſſas orações, mas ao juſto de que lhe ſervẽ as nóſſas memorias? Eſtâ achada a razão da queixa; o q̃ aqui chorava Iſaias era a morte do juſto: *Perit justus*, & como a ſua morte nam eſtava tanto, em o juſto acabar â vida, como em acabar â lẽbrâça, para o chorar morto chorou o eſquecido; diſſenos que nos não lembrava para nos dizer q̃ morrêra: Como o noſſo eſquecimento, era ſó a ſua morte para Iſaias lhe chorar a morte; chorou lhe o eſquecimẽto: *Et non eſt qui recogitet*. Não morre quem morre, morre quem eſquece; pouco importa para acabar o levar a morte aquella vida, cuja duração fica perpetuando a lembrãça. *Receſſit â nobis, ſed non totus receſſit*. Diſſe o S. Arcebiſpo de Milaõ nas honras do ſeu Emperador Theodoſio. He verdade, ó Emperador ſoberano, que vos roubou a morte aos nóſſos

Iſai.c. 57. n. 1.

D. Amb. orat. de obitu Theod.

olhos,

olhos, mas nam vos roubou âs nossas saudades, & por isso nam vos roubou a morte: *Nõ recessit.* Vivos, & lembrados, tudo saõ vivos, mortos, & esquecidos, tudo saõ mortos. E se esta proposição he verdadeira, ó quantos vivos sem alma, ó quantos mortos cõ vida, se encontrão no mũdo a cada canto, cõ escandalo da razão, & queixa da natureza? Quantos juizos sem ter uso de razão, faz a semrazão ter uso; & quantos talentos estão enterrados no sepulchro do esquecimento, que pudèraõ estar postos sobre os altares da fama. Que aja o ignorãte de ter mais vida, porque teve mais entrada, & que o entẽdido porq teve menos dita, esteja na sepultura! Que nam lhe baste à ignorancia ter a ventura de viver sẽ pena, senão tambem a de parecer que vive sem culpa! Que seja lembrada porque he entremetida, & q̃ o merecimento se sepulte, porque se afasta! grande injustiça dos tempos! grãde semrazaõ do mundo.

n. 29. Estes milagres fazem a lembrança, & mais o esquecimẽto, a lembrança resuscita os mortos, o esquecimento enterra os vivos. Se o esquecimento enterrára os vivos, q̃ eraõ indignos de viver, & a lẽbrança resuscitâra os mortos que não deviaõ nũca acabar, bẽ estivera eu cõ estes milagres, mas q̃ se troquẽ as sortes, porq̃ se trocâram as ditas. Que se enterre o q̃ serve ao mũdo

do de ornato,& q́ se desẽterre o q́ serve ao mũ
do de escandalo!ò que escandalosos milagres.

Ninguem como o nosso Princepe, & Sere- n. 30
nissimo Rey D. Manoel de gloriosa memoria
fez estes enterros, & estas resurreiçoẽs cõ tãto
acerto. Lease a sua Chronica, & apontese nella
a quem deu o cargo, q́ lhe faltasse o merecimẽ-
to. Digaõme quem houve no seu tempo cõ par-
tes conhecidas, q́ as chorasse sepultadas. No-
meẽme q́ valia acabou algũ hora cõ este sobe-
rano Princepe, que sepultasse o valor, ou q́ va-
lor necessitou de algũa valia para cõ este gran-
de Monarcha. Justo he logo que hũ Princepe
em cuja memoria viveo sempre o merecimẽto,
que nam acabe nunca o seu merecimento na
nossa memoria; para que ainda quando o cho-
ramos morto, nos possa dizer que està vivo:
Non moriar sed vivam.

Nam ei de acabar, mas ei de viver: *Non moriar* n. 31.
sed vivam. Estas duas palavras parece que tẽ hũa
superflua. Senam vejaõ: quem naõ morre, vive:
he proposição evidente. Para que nos diz logo
o nosso Princepe que hà sempre de viver: *Sed vi-
vã*: depois que nos certifica que nam hà nunca
de acabar: *Non moriar*, se com dizernos que nam
avia de morrer nos dizia tudo, se com as izen-
çoens da morte nos segurava as perpetuidades
da vida, para que he necessario explicarnos que

nam

naõ avia de acabar à vida, depois de nos ter per
suadido, q̃ o nam avia de acabar a morte? Res-
pondo: os Princepes tem duas vidas; por isso faz
em si mensaõ de duas vidas o nosso Princepe:
Non moriar, sed vivam. Tem hũa vida cõ que vivẽ
aò tempo, tem outra vida com que vivẽ ao offi-
cio. E tendo duas vidas os Reys, muitos hâ que
nam vivem com nenhũa. Nam vivem ao tẽpo,
porque nam vivem como mortaes, este foi Na-
buco: nam vivem ao officio, porque naõ vivem
como Reys, este foi Saul.

n. 32. Oh Rey D. Manoel glorioso! Oh Rey D. Ma-
noel insigne! Sò vòs perpetuastes as duas vidas
que vos deu a natureza, & a successaõ. Perpe-
tuou o nosso Princepe a vida cõ q̃ viveo ao tẽ-
po, porq̃ viveo ajustado com as obrigaçoẽs de
mortal; perpetuou a vida com que viveo ao of-
ficio, porque viveo ajustado cõ as obrigaçoens
de Rey; & por isso a pezar da morte vive ainda
hoje na fama. Qual imaginais q̃ he o Princepe
que mais vive (deixemos a vida do tempo que
saõ hoje as obrigaçoens muitas, & he o tempo
limitado.) Qual imaginais que he o Princepe q̃
mais vive no throno? Por ventura serà aquelle q̃
mais dura? Nam por certo, he aquelle q̃ melhor
obra. Se o Princepe não faz aquillo pera que
tomou o sceptro; he a sua vida hũ fingimento,
he a sua existencia hũ engano. Tornemos a dar
outra

outra volta àquella visaõ do Apocalipse, q me ouvistes ponderar depois. Já me ouvistes dizer depois que aquelle animal das dez pontas que vio S. Joaõ na Ilha de Patmos erão os Reys da Persia, de Roma, da Grecia, & da Assiria q havião florecido té o seu tempo: *Qui usq; ad Ioannis tempora floruerunt*. Torno agora a perguntar. Se estes Reys aviaõ jà florecido, como diz o Anjo a S. João que ainda nam florecéraõ? *Decem Reges sunt, qui Regnum nondum acceperunt*. Tinhão estes Reys jà florecido (diz Caietano) porque na realidade jà tinhão impugnado o sceptro; não tinhão florecido ainda, porque aviaõ faltado ás obrigaçoẽs de seu cargo; & os Reys, que nam procedem como devem ainda que cheguem ao throno como mortaes, nam chegão ao throno como Reys: he a sua duração hũ fingimẽto, he a sua vida hũ engano: *Regnum nondum acceperunt*. A natureza do Rey em quanto Rey he o seu officio, & como o seu officio he a sua natureza, o mesmo será no Rey o nam obrar, q o nam ser. Lâ explicou hum hora Sam Joáo aos Judeos o que era pello que fazia: *Ego vox clamantis in deserto*. Pois se o Baptista sendo sò hum ministro entendéo que o seu ser era a sua obrigaçaõ, como pódem dizer que sam, como pódem dizer que vivem os Principes que nam fazem aquillo que devem. Reys forão os Reys de Persia, os da

Assiria

Apocal. ubi sup.

Caet. hic.

Joan. c. 1. n. 6.

Assiria, os da Grecia, & os de Roma, mas no juizo de hũ Anjo, o mesmo foi faltarẽ â sua obrigação, que faltarlhe â sua existencia: por isso explicando ao Evangelista aquelles segredos unio nestes Princepes as execuçoẽs da sua vinda, com as esperanças da sua chegada; avião chegado como mortaes, mas nam aviam chegado como Reys: *Decem Reges sunt, qui regnum nondũ acceperunt.* Como se dissera o Anjo, chegâram, & nam chegáram estes Reys, chegâram, porque na realidade jâ tiveram o mando; nam chegâram, porque assi se ouveram no governo, como se os nam governára a razam.

n. 33. Graças a vós Senhor, que só dos Reys que dais a Portugal podemos dizer que sam Reys, & que sam eternos; sam Reys, porque vivem ajustados à sua obrigaçam; sam eternos, porque ainda que os roube a morte aos nossos olhos, ficam sempre nas nossas lembranças. Mas entre todos os Reys passados de Portugal, a nenhum convem melhor a verdade desta proposiçam, que ao nosso Serenissimo Rey D. Manoel, cuja memoria nam poderâ acabar nunca nem o verdugo dos annos, nẽ o silencio dos seculos. Chore embora a Roma, chore a Persia, chore a Assiria, & chorem finalmente os mais Reynos do mundo o faltarem aos seus Princepes a vida de Reys, *Qui Regnum non acceperunt*, que Portugal terá

ve no nosso soberano Princepe hũ Monarcha tam superior a toda a grandeza, que não houve hora em que nam vivesse com a vida de Rey, porque nam houve hora em que não fosse perfeito Monarcha.

Testemunheo a fama, que ella sò, & não sei se ainda a fama pòde falar em suas acçoẽs. Testemunheo o zelo da Fê com que fez dilatar o Evangelho pellos mais remotos climas. Testemunheo aquella reformaçaõ de costumes em que poz ao seu Reyno, & nam sò ao seu, senam aos estranhos. Ao Papa Alexandre, que entam governava a Igreja, avizou por seus Embaixadores, com hũ valor sem igual, do descuido cõ que se vivia em Roma, que elle ouvio, & emẽdou. Testemunheo aquella igualdade de justiça que fez guardar nos tribunaes, assistindo pessoalmente ás resoluçoens de maior porte. Testemunheo aquella affabilidade de Pay cõ que tratava os vassallos: aquelle amor, & aquelle respeito ǵ teve âs Religioens, & âs Igrejas, izẽtandoas a todas de tributos, & enriquecendoas com donativos. Testemunheo sobre tudo a sua vida, os jejuns continuos, as penitencias asperissimas, que mais pareciaõ de hum Cartuxo, ǵ de hum Rey, acçoens todas que lhe perpetuârão, & haõ de perpetuar na fama, assi a vida que lhe deu a natureza, como a que lhe deu a successaõ,

n. 31.

Faria in Epit. p. 3. c. 15. n. 7.

cessaõ,

cessaõ, ambas durão ainda hoje, porque ambas vivem, & haõ de viver na nossa memoria: *Non moriar sed vivam.*

n. 35. Nam acabou tambem o nosso Princepe à duração dos tempos, porque na sua morte ficou vivo na posteridade dos filhos, & vive ainda hoje na successaõ gloriosa dos descendẽtes. Nam sei Rey de Portugal à quẽ devamos mais successores que ao nosso Serenissimo Rey Dõ Manoel. Treze filhos teve, que cada hum delles por filho de tal pay podéra governar hum mundo. Da Rainha D. Izabel que foi a sua primeira esposa viuva infelicimente do Princepe Dom Affonso, teve o Princepe Dom Miguel, flor que nos cortou a tyrania da morte nas primeiras auroras da vida. Da Rainha D. Maria filha dos Reys Catholicos, teve o Princepe Dõ João que lhe succedeo na Coroa, igual ao pay no valor, na fortuna, & nos merecimentos. A Princeza D. Izabel mulher q̃ foi depois do Emperador Carlos V. cuja sorte sendo taõ grande foi ainda menor que a virtude. A Infante Dona Brites mulher de Carlos terceiro Duque de Saboya, em quem foi a fermosura igual às partes, & as partes maiores que toda a grandeza. O Infante Dom Luis Duque de Beja Princepe dotado de tantas virtudes, que foi o emprego da admiração, o mimo da ventura, & a lisonja da

fama.

fama. O Infante Dom Fernando tam conhecido pella realeza do animo, como pella fermosura da pessoa. O Infante Dom Affonso Cardeal, & Arcebispo de Lisboa, em quem se unírão cõ tãta eminẽcia as soberanìas de Princepe, cõ as obrigaçoẽs de Prelado, q̃ como se fora hũ Cura particular ministrava pella sua mão os Sacramentos às suas ovelhas. O Infante Dom Henrique tambem Cardeal, & Arcebispo, que succedeo depois no Reyno quando Portugal nos campos de Africa entre inundaçoens de sangue tam illustre sepultou as esperãças mais infelices. O Infante Dom Duarte que casou cõ a Serenissima Senhora D. Izabel filha do sempre grande, & inclyto Princepe Dom Jayme. digna esposa de tanto Princepe, tam justificado na vida, como mostrou depois a sua morte. A Infante D. Maria, & o Infante Dõ Antonio: morrérão de poucos annos, que como erão flores na belleza, forãono tambem na duraçam. Da Rainha D. Leonor teve o Infante D. Carlos, que merecendo por filho de tal pay viver eternamente â fama durou muy pouco na vida. A Infante D. Maria; que sendo rara no juizo, & na fermosura morréo castissima dõzella de 57. annos de idade, deixandonos tantas saudades, quantas erão as suas virtudes.

Oh filhos dignos de tal pay! ó pay merece-

n. 36.

dor

dor de taes filhos! Como se ha de dizer logo que acabou à vida do tempo quem ficou tam vivo na posteridade dos filhos, & o està ainda hoje na successaõ dos descendentes, com que os imperios se governão, & o mundo se autoriza. Naõ chamou morto o Spiritu-santo âquelle Varám que deixou hum descendente que o imitava nas partes: *Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus similem enim reliquit sibi post se.* Pois se a este Varám insigne baston hum descendente que o imitasse nas virtudes para nam acabar à duração, *quasi non est mortuus*, como avemos nòs de dizer do nosso Princepe que acabou à duração, deixando tantos filhos, & tendo ainda hoje tantos descendentes que o imitâraõ, & o imitão nas partes. Chamem embora os outros Princepes a quem faltou a posteridade morte á sua vida, que o nosso soberano Princepe, porque viveo, & vive hoje na posteridade de seus descendentes: chama vida â sua morte: *Non moriar sed vivam.*

Eccles. c. 30. n. 4.

n. 37.

E quando para eternizar o nosso Rey glorioso nam bastâram os descendentes com que o melhor do mundo se governá, bastáraõ os feitos admiraveis de que o mundo todo se assombra. Digao a terra toda desde onde nasce té donde morre o dia. Desde a Libia ardente atè o gelado Ponto, adonde nam houve parte, que nam

Sanctos de la orden =

nam viſſe nua a ſua eſpada, ou pello menos que nam ouviſſe os eccos de ſuas victorias. Digao o mar Occeano, cujas ondas reſpeitârão tanto as ſuas armadas, ou temeroſas, ou reverentes. Digao a Aſia donde ſogeitou tantos Reys, dominou tantas Provincias, & reduzio tantas almas, arvorando os eſtandartes da Fé ſobre os muros da gentilidade. Digao a America, cuja grandeza ſogeitou ao ſeu Imperio a pezar dos riſcos das tormentas, & das fortunas. Digao a Africa nos ſitios porfiados de Arzila, donde desbaratou o Rey de Fez vindo a conquiſtala com cento & cincoenta mil homens, deixando a muitos ſem vida, & a todos ſem eſperanças. Digao finalmente a Europa, a quem te ve ſempre ſuſpenſa a fortuna de ſuas armas, o valor de ſeu braço, & a ſoberanîa de ſeu juizo.

E melhor que eu o diſſerão hoje, ſe pudérão reſuſcitar, os que forão teſtemunhas de viſta, & inſtrumento deſtas façanhas. Hum Vaſco da Gama na conquiſta das Ilhas de Mombaça, de Goa, & de Melinde. No deſcobrimẽto do Malavar, de Calecut, de Cananor, de Granganor, de Cochim, & de Coulam. Hum Joaõ da Nova que nos máres Aſiaticos desbaratou com pouca força em naval conflicto as armas barbaras do Perſiano, conquiſtou a Ilha da Conceiçaõ, & a de Santa Eléna tam celebrada

n. 38.

lebrada da fama por sua grandeza, como por sua fertilidade. Hum Affonso de Albuquerque, cujas proezas nam cabem em todo hum mundo. Hum Antonio de Saldanha na expugnação de Socotorâ, & da Republica de Brava, que rico de despojos, & mais da fama, fez feudatarias ao nosso Principe tantas Provincias. Hum Lopo Soares que com treze baxeis pequenos desbaratou todo o poder do Samorim nos mares do Cranganor, que ainda hoje tintos em sangue testemunhão a gloria deste triûpho. Em Panadrante desfez vinte fustas del Rey de Calecut com perda de tantas vidas, & terror daquellas agoas. A Zeila Cidade populosa da Ethiopia desfez em cinzas, assombrou a Arabia, & sogeitou a Columbo. Hum Antonio Correa, que a favor delRey de Ormùz rendeo a Ilha populosa de Barem, ficandolhe depois por appellido illustre esta victoria admiravel. Hum Dom Duarte de Menezes gloria da fama, & açoute da Asia. Hum Duarte Pacheco, mais cheio de coraçoens que de riquezas, cujas façanhas estarám eternamente escritas nos annaes da admiração, & nos bronzes da immortalidade.

n. 39. Oh Varoens illustres! oh Varoens insignes! Rayos verdadeiramente daquelle Sol resplandecente, & Rey Serenissimo Dom Manoel, para

ra cujo valor foi o mundo todo pouco thea-
tro. Vossos erão os golpes, mas seus os trium-
phos; porque ainda que vós obraveis as faça-
nhas, elle ministrava as influencias. Bem póde
dizer cada hum de vós com este grande Prin-
cepe: *Non moriar sed vivam*: nam nos acabou a
morte, porque o que nos outros he natureza,
em nós foi roubo: roubounos a vida, nam no
la tirou. Està grande differença se dá entre o
que se leva por roubo, & o que se leva por di-
vida; que no que a mim me levaõ por divida
fico perdendo a possessam, & mais o dominio;
& no que me levão por roubo, naõ perco o do-
minio ainda que perca a possessaõ. Porque se
ha de dizer logo que perdérão a vida aquelle
Rey valeroso, & aquelles Capitaens insignes,
que merecêram viver por toda a eternidade!
nós morremos por divida; elles morrérão por
roubo que lhe fez a morte, & por isso não mor-
rérão; porque ainda que faltáraõ por existen-
cia ficâraõ vivos por merecimentos. Està gra-
ça tem o merecimento, que faz as cousas mais
de quem as merece que de quem as logra: Hum
bem merecido, que he juntamente logrado,
nam he taõ proprio por logrado, como he pro-
prio por merecido. Lograr sem merecer, nam
he lograr: merecer ainda que seja sem possuir,
este he o verdadeiro lograr.

Lo-

n. 10.

Lograva Phaltiel a Michol, que a violencia de Saul tinha roubado a David, todos ſabem a hiſtoria: prometéra El-Rey Saul a David pela morte do Philiſteo a ſua filha Michol; & como o premio andou ſempre a fugir dos benemeritos, & a buſcar os indignos, merecendo a Michol David, em odio ſeu a deu Saul a Phaltiel. Morreo o Rey, & pedio David a Isboſet ſeu filho a reſtituiçaõ de ſua eſpoſa com eſtas palavras q̃ ſaõ mui dignas de reparo: *Redde uxorem meam Michol quam deſpondit mihi centum præputijs Philiſtim.* Princepe, daime a minha eſpoſa Michol, que eu mereci com o valor deſte braço. Daime a minha eſpoſa Michol, eſtranho modo de dizer! Michol naquelle tempo nam eſtava caſada com Phaltiel? Nam a tinha em ſeu poder? nam era todo o emprego da ſua affeiçaõ? Aſſi conſta da Scriptura. Pois ſe Michol era eſpoſa de Phaltiel, porque lhe chama eſpoſa ſua David? *Uxorem meam.* Sabem porque? Porque ainda que Michol eſtava em poder de Phaltiel, ainda que era de Phaltiel lograda, era de David merecida: *Quam deſpondit mihi centum præputijs Philiſtim*, & achava David que com mais juſto titulo era Michol ſua por merecida, do que de Phaltiel por lograda. Phaltiel tẽ a poſſe, David o merecimento, mas o dominio ſobre Michol nam o tem a poſſe de Phaltiel, ſenam o merecimento

2. Reg. c. 3. n. 14.

Bueno-

ſulbe onze dias a traſ =